



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SERGIO JACINTHO LEONOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KLEISY DA SILVA SANTOS**

**A MEDIAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR:  
ESTUDO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS BELOS/GO**

**ARRAIAS**

**2021**

**KLEISY DA SILVA SANTOS**

**A MEDIAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR:  
ESTUDO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS BELOS/GO**

Monografia avaliada e apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus* Universitário de Arraias, para obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva  
Fonseca

ARRAIAS

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237m Santos, Kleisy da Silva .  
A Mediação da violência no espaço escolar: estudo em uma escola do município de Campos Belos/Go. / Kleisy da Silva Santos. – Arraias, TO, 2021. 49 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2021.  
Orientador: Profª. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca  
1. Violência na escola X Mediação. 2. Processo de ensino e aprendizagem. 3. Formação continuada de professores. 4. Políticas públicas. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor (a).**

**KLEISY DA SILVA SANTOS**

**A MEDIAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR:  
ESTUDO EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS BELOS/GO**

Monografia avaliada e apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus* Universitário de Arraias, para obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca

Data de aprovação: 16/04/2021.

Banca Examinadora

*Eliana Gonçalves da Silva Fonseca*

---

Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, UFT  
Orientadora

---

*Aline Fagner de Carvalho e Costa*  
Profa. Dra. Aline Fagner de Carvalho e Costa., UFT.  
Avaliador 1

---

*Maurício Reis Sousa do Nascimento*  
Prof. (Me) Maurício Reis Sousa do Nascimento, UFT

Avaliador 2  
ARRAIAS-TO

2021

## **AGRADECIMENTOS**

É com muita satisfação que concluo mais essa fase da minha vida, após muito esforço e superação de inúmeras barreiras.

Diante dessa vitória, não poderia deixar de agradecer a Deus, meu criador, por me manter firme e com fé para vencer as batalhas, além de me oportunizar conhecer e conviver com profissionais tão magníficos ao longo dessa trajetória acadêmica que contribuíram decisivamente para minha formação profissional.

Também gostaria de agradecer à minha orientadora, Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, por toda dedicação, paciência e ensinamentos.

Agradeço aos meus pais, irmãos e cunhada, por me dedicarem amor e apoio incondicional.

E aos meus amigos, que contribuíram direta e indiretamente para minha formação.

Minha gratidão a todos!

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a violência no espaço escolar, por ser o lugar do encontro de diversos sujeitos com alegrias e aprendizados variados, mas também de inúmeros problemas sociais, econômicos, psicológicos e familiares. Como hipóteses para essas dificuldades, há a desestrutura familiar, os adolescentes com acesso a drogas e a situação de vulnerabilidade à qual as crianças são submetidas. Esses aspectos justificam a relevância do estudo, pois acreditamos que as políticas públicas educacionais pretendem minimizar os contratempos enfrentados nos estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, o objetivo geral da investigação é refletir sobre como ocorre a violência na escola e suas consequências e no processo de ensino e aprendizagem, enquanto os objetivos específicos são: levantar o impacto da violência no processo de ensino e aprendizagem; indagar sobre como ocorre o envolvimento da comunidade para amenizar os problemas relacionados à violência; e conhecer as estratégias pedagógicas no enfrentamento da violência. No que tange aos procedimentos metodológicos, adotamos um levantamento por meio do estado da arte, com o intuito de conhecermos estudiosos que abordam a temática, como Pavini (2016), Dalbério (2009), Candau (2000), entre outros – o caminho metodológico perpassa a abordagem da pesquisa qualitativa, com o viés da história oral e da narrativa. Como coleta de dados, utilizamos o diário de campo e a entrevista semiestruturada *on-line* pelo Google Meet, direcionada a uma docente, uma coordenadora e à diretora da rede municipal de ensino de Campos Belos, Goiás, Brasil, que atendem crianças do Ensino Fundamental. Esta pesquisa identificou a relevância de políticas públicas educacionais efetivas de apoio aos profissionais da escola, em que as famílias precisam se conscientizar acerca da parceria com a instituição educacional para otimizar as ações de combate à violência que impactam no processo de ensino e aprendizagem. Procuramos também trazer um olhar reflexivo sobre os problemas citados e a necessidade de novas práticas pedagógicas, com o intuito de atuar na formação continuada dos professores.

**Palavras-chave:** Violência na Escola-Mediação; Processo de Ensino e Aprendizagem; Formação de Continuada de Professores; Políticas Públicas.

## ABSTRACT

The present research has as its theme the violence in school environment, as it is a place where diverse subjects meet with different joys and learning, but also countless social, economic, psychological and family problems. As hypotheses for these difficulties, there are family breakdown, adolescents with access to drugs and situation of vulnerability to which children are subjected. These aspects justify the relevance of the study, as we believe that public educational policies aim to minimize setbacks faced in educational establishments. Hence, the general objective of the investigation is to reflect on how violence occurs at school in relation to teachers, while the specific objectives are: to raise the impact of this violence on the teaching and learning process; to inquire about how community involvement occurs to mitigate problems related to violence; and to know the pedagogical strategies in the confrontation of violence. With regard to methodological procedures, we adopted a survey using the state of art, in order to know scholars that address the theme, such as Paviani (2016), Dalbério (2009), Candau (1999), among others – the methodological path runs through the approach of qualitative research, with the bias of oral history and narrative. As data collection, we used the field diary and the semi-structured online interview through Google Meet, directed to a teacher, a coordinator and the director of Municipal Education System of Campos Belos, Goiás, Brazil, who attend elementary school children. This research identified the relevance of effective educational public policies to support school professionals, in which the families need to become aware of the partnership with the educational institution to optimize actions to combat violence that impact the teaching and learning process. We also seek to bring a reflective look at the aforementioned problems and the need for new pedagogical practices, in order to act in the continuing education of teachers.

**Keywords:** School Violence-Mediation; Teaching and Learning Process; Continuing Education for Teachers; Public Policy.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
COVID-19	Novo Coronavírus
EF	Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Memórias da pesquisadora .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Aspectos gerais da pesquisa .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Conceituando violência .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Contexto atual de violência nas escolas .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 Impactos no processo de ensino e aprendizagem.....</b>	<b>16</b>
<b>2.4 A importância do professor e sua formação continuada para novas práticas.....</b>	<b>17</b>
<b>2.5 O papel do professor e suas ações relacionadas à formação continuada de docentes nas escolas.....</b>	<b>18</b>
<b>3 CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 Um breve contexto histórico e localização do município de Campos Belos/GO.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 Caracterizações da pesquisa .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 Lócus da pesquisa .....</b>	<b>24</b>
<b>3.4 Sujeitos e colaboradores.....</b>	<b>25</b>
<b>4 A HORA E A VEZ DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA JANDIRA DA SILVA AIRES: OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS DOS COLABORADORES DA PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Memórias da pesquisadora

Nesta subseção<sup>1</sup> abordamos as memórias como forma de apresentação ao(à) leitor(a) e com o intuito de estabelecer o interesse dele(a) pela presente pesquisa.

Nasci a 17 de junho de 1997, na cidade de Campos Belos, interior de Goiás. Sou a mais nova de quatro irmãos, filha de uma empregada doméstica e um pedreiro que nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola de forma regular, mas que não deixaram faltar nada para seus filhos. Passamos por algumas privações materiais, mas meus pais sempre exigiram que fôssemos dedicados aos estudos, pois, segundo eles, essa era a única forma de garantirmos um futuro melhor e sermos respeitados no meio social.

Iniciei minha vida escolar aos seis anos no Centro Municipal de Educação Infantil Zilma Aparecida Mendes de Oliveira, localizado também em Campos Belos/GO, onde aprendi a ler e escrever e, desde então, descobri o amor pela leitura. Um mundo novo se abriu aos meus olhos e, sempre que saía para o trabalho com a minha mãe, observava todas as fachadas das lojas tentando ler o que estava escrito nelas. Quando conseguia, sentia-me muito feliz – consegui alguns “galos” e arranhões com isso, já que sempre estava olhando para os lados e não para a frente, como deveria.

No ano seguinte, passei para a primeira série dos anos iniciais na Escola Municipal Jandira da Silva Aires, localizada próxima à minha casa, na qual eu estudei durante todo o Ensino Fundamental (EF). Sempre tive facilidade em me comunicar com as pessoas, conseguia fazer amizade rapidamente com todos, e os professores gostavam de mim, pois me consideravam uma ótima aluna, participativa em todos os projetos desenvolvidos na instituição, como teatro, dinâmicas, gincanas, entre outros.

Sempre tive admiração por minhas professoras e, graças a elas, descobri que queria ser docente. Um dos fatos marcantes na minha trajetória educacional foi quando houve a transição da Educação Infantil para o EF, fase muito difícil em que as professoras já não eram mais as mesmas – lembro-me de que a maioria das crianças da turma começou a chorar e a coordenadora precisou levar água para nós. Até hoje, tenho um carinho enorme por todas elas e acredito que, se conseguir representar metade dos que elas representam na minha vida para os meus futuros alunos, serei uma ótima professora.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a primeira pessoa do singular nesta subseção, com vistas a apresentar a nossa trajetória de vida.

No nono ano do EF II, estava à frente da organização da formatura da minha turma, tendo sido eleita presidente para representá-la. Foi bastante complicado manter minhas notas e “correr atrás de tudo”, mas tive apoio das minhas amigas e de alguns professores. À época, também estava ansiosa e me preparando para a mudança, pois iria ser transferida pelo fato de o Jandira não oferecer o Ensino Médio. Isso me deixava ansiosa, por estar acostumada com a instituição – afinal, foram nove anos estudando naquele lugar.

Em 2013, ingressei no Colégio Estadual Polivalente Professora Antusa, que posteriormente se tornou uma instituição de ensino de tempo integral. Foi um grande choque para mim, pois, pela primeira vez, comecei a notar as diferentes tribos e classes sociais presentes na minha cidade. Isso me fez sentir inferior e tornou o processo de adaptação ainda mais difícil; ademais, o colégio fica localizado do outro lado da cidade, o que me fez caminhar cerca de 30 minutos todos os dias para chegar naquele local – não estava acostumada com isso, o que refletiu sobremaneira em minhas notas. Com o decorrer do tempo, me adaptei da melhor maneira possível à nova realidade, em que descobri o desejo de cursar a graduação em Direito. Infelizmente, reconheci que professores não são remunerados de modo adequado.

Assim, queria uma profissão na qual poderia ganhar bem. Pensei em dedicar os estudos para passar em medicina, mas não me identificava com a carreira; então, Direito foi a área escolhida. Apaixonei-me com esse último curso que se tornou a profissão dos sonhos; alguns professores, inclusive, me incentivavam no último ano do Ensino Médio e até uma delas realizou um seminário em formato de audiência de júri, para termos um “gostinho” do que seria a função de advogado.

Infelizmente, não consegui entrar no curso de Direito, pois não me dediquei o suficiente e descobri que o mundo é bem mais difícil do que parece. Em 2016, fui “com a cara e a coragem” para Goiânia, pois pensava em me estabelecer lá, me dedicar e, enfim, entrar no tão sonhado curso.

Mas não foi o que ocorreu de fato. Fiquei cerca de seis meses na residência com parentes, onde sobrevivia com o dinheiro que havia juntado ao trabalhar como babá e atendente em uma *lan-house* – deixei currículos em diversos lugares e não obtive respostas. Meus pais não tinham condições de me manter em Goiânia; então, precisei voltar para casa e fiquei muito frustrada por não ter conseguido o que queria. Quando abriu o Sistema de Seleção Unificada (SISU), me inscrevi para concorrer a uma vaga na Universidade Federal de Tocantins (UFT) e escolhi Pedagogia e Matemática – confesso que, à época, não sabia nada sobre o curso de Pedagogia e me inscrevi nele apenas para “ter o que fazer” e não ficar

completamente parada, já que não conseguia arrumar emprego. Quando passei para esse curso, me senti muito feliz.

Quando cheguei no curso de Pedagogia, achei que iria detestar tudo e pensava em formas de me transferir para outro curso. Com o passar do tempo, me apaixonei pelos detalhes, percebi as falhas da educação que recebi e como os conteúdos que me ensinaram não eram tão complicados assim – aquela menina que sonhava em ser professora do EF começou a ressurgir em mim. Notei que os professores têm um papel fundamental na otimização da qualidade de vida de várias pessoas, não só alunos, mas também dos pais respeitam e possuem um carinho grande por esses profissionais.

Por meio das leituras e conversas realizadas durante o curso, consegui conceituar diversas problemáticas que me incomodavam desde a educação básica em minha comunidade. Constatei que a educação é uma porta que, para muitos, estava fechada, e as palavras dos meus pais – sobre a educação ser a chave para uma vida melhor – nunca fizeram tanto sentido. Percebi o quanto uma boa base familiar faz diferença na vida de um indivíduo e consegui enxergar que aquele ditado popular que sempre fez parte da minha vida, “Quem quer sempre dá um jeito”, muitas vezes não se aplicava à realidade, e isso era nítido em todas as direções.

O curso de Pedagogia permitiu a desconstrução de ideias enraizadas em mim, me oportunizou conhecer a mim mesma e renovou meu senso de justiça. Ademais, me fez notar que, muitas vezes, os julgamentos condenam as pessoas a realidades que poderiam ser diferentes, se houvesse alguém que estendesse a mão para elas e demonstrasse um pouco de confiança e esperança. Obtive uma nova perspectiva profissional que me levou a conhecer profissionais e pessoas incríveis.

Ingressar na universidade me trouxe um novo olhar e, agora, almejo uma carreira como professora, se assim me for permitido. Tenho muito a aprender e sei que a graduação não será o fim, pois ainda pretendo cursar Direito e quero me especializar na área da educação.

Sob o viés da relação de afetividade com a família, o espaço escolar específico dos meus professores das escolas que frequentei e o senso de justiça desenvolvida na minha história de vida, desde o início do curso de Pedagogia objetivava pesquisar sobre a violência no espaço escolar e como essa situação impacta o processo de ensino e aprendizagem.

## 1.2 Aspectos gerais da pesquisa

O presente trabalho aborda a violência no espaço escolar com o foco no impacto no processo de ensino e aprendizagem. A violência é uma realidade e se apresenta de forma crescente na história da educação nos últimos tempos no Brasil, expressa em relatos apresentados em várias mídias e dados que sofreram tais situações no decorrer de suas carreiras, sejam agressões verbais ou até mesmo físicas. Infelizmente, a violência não é um fato novo em nossa sociedade; ela sempre esteve presente em nossas vidas, mesmo que de diferentes formas físicas ou psicológicas.

Nesse sentido, o objetivo geral é refletir sobre as situações de violência existentes na escola e suas consequências e no processo de ensino e aprendizagem. Dentre os objetivos específicos estão: 1) conhecer as estratégias de enfrentamento da violência em uma escola do município de Campos Belos/GO; e 2) investigar como ocorre o envolvimento da comunidade dessa escola, no sentido de amenizar os problemas com a violência,

Nessa perspectiva, embasamo-nos nas reflexões de Paviani(2016), Dalbério,(2009), entre outros que procuram entender essa situação. Candau (2000, p. 141), por exemplo, assevera que o “que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos”, além dos motivos que têm levado essas práticas a serem banalizadas.

Assim sendo, deve haver políticas públicas que atuem de forma efetiva no combate a esses incidentes, como indica o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020). Também se observa que os alunos não respeitam os professores e, tampouco, os veem com afetividade<sup>2</sup>.

O estudo está estruturado da seguinte maneira: “Introdução”, com apresentação das memórias da pesquisadora, linhas gerais do trabalho, com o problema de pesquisa, a justificativa, a metodologia e os objetivos, no sentido de apresentar ao leitor uma visão abrangente do trabalho; “A violência no espaço escolar no Brasil”, em que trazemos o conceito de violência, as reflexões sobre esse aspecto no país e os desafios postos no estudo realizado por meio do estado da arte; “Contexto e caracterização da pesquisa”, na qual apresentamos ao leitor um breve histórico do município de Campos Belos/GO e os caminhos escolhidos na investigação, para alcançar nossos objetivos e conhecer o lócus da pesquisa de Campos Belos/GO e da história da Escola Jandira da Silva Aires; “A hora e a vez dos sujeitos

---

<sup>2</sup> “Afetividade” se embasa nos pressupostos de Calderón (2017), referência para aprofundamento da discussão.

da Escola Municipal Jandira da Silva Aires: olhar sobre as narrativas dos colaboradores da pesquisa”, com as análises dos dados em consonância aos discursos dos entrevistados para elucidar e alcançar os objetivos propostos pelo estudo; “considerações finais” com elementos reflexivos sobre a pesquisa; e referências e apêndices.

## 2 A VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

### 2.1 Conceituando violência

Muito tem sido falado sobre a violência no nosso país (Atlas da educação)<sup>3</sup>, em virtude do aumento nos índices de criminalidade. As pessoas não se sentem mais seguras em lugar nenhum e vivem com medo constante de serem assaltadas, agredidas ou violentadas de inúmeras maneiras. Mas, afinal, o que é a violência?

A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016, p. 8).

Percebemos que a violência se expressa de diversas maneiras nos âmbitos social, psicológico, físico e moral. Há várias motivações relativas ao aumento dessa calamidade social, como o aumento das cidades, a busca pela melhoria da qualidade de vida, a exclusão social, os problemas ligados a miséria, pobreza, fome, abandono e o desemprego que tende a aumentar de maneira incisiva.

Diante dessa conjuntura, a sensação de impunidade é ainda mais marcante, visto que as políticas públicas não conseguem lidar com os desajustes sociais, o que gera nos agressores uma sensação de impunidade para os atos cometidos por eles.

### 2.2 Contexto atual de violência nas escolas

Sabemos que o índice de violência contra os professores tem aumentado, sobretudo em escolas públicas – todos os dias, eles são agredidos e violentados de inúmeras maneiras, não só física, mas também psicológica e socialmente. Segundo a Organização para a

---

<sup>3</sup> <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/> Um portal que reúne, organiza e disponibiliza informações sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública. Foi criado em 2016 e é gerido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com a colaboração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre violência em escolas, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes.

Os professores que durante muito tempo foram considerados uma profissão de “respeito”, na qual os alunos deveriam submeter-se às suas decisões. Há alguns anos para cá esta profissão perdeu bastante essa característica, passando os professores a não ser respeitados, ou pelo menos, não tão respeitados como no passado, por parte dos alunos (PEREIRA, 2008, p. 4).

Antes tida como um ambiente seguro e livre das atrocidades que acometem o mundo externo, a escola se transformou em um ambiente hostil e permeado de abusos, o que reproduziu “doenças” sociais como violência doméstica, criminalidade, desemprego, feminicídio, entre outras. Então, questionamos: quais os reais motivos que levam à agressividade? A partir de que momento a figura do professor perdeu seu valor, de modo que nem os discentes os respeitam mais? Como o docente pode lidar com essa situação? Quais ações podem ser tomadas para isso ser revertido?

Não há respostas concretas, mas o índice de criminalidade ao qual as crianças são expostas todos os dias e a desigualdade social influenciam em suas atitudes com o próximo e na forma de ver o mundo. Segundo Morgadinho (2007, [n.p.]): “O que acontece na escola, os seus problemas relacionais são reflexo do meio social, das suas carências, conflitos e expectativas e especialmente do meio social básico e nuclear, a família”.

A maioria dos casos de agressão contra professores é cometida por alunos que vivem situações de vulnerabilidade econômicas e sociais, jovens que sofreram (ou sofrem) agressões no seio familiar ou que presenciam um ou vários tipos de violência no contexto onde vivem. Para garantir as relações adequadas em sala de aula, é necessária uma parceria da família com a escola, ao assegurar o diálogo de forma que o corpo docente esteja a par dos problemas que afligem tais estudantes e, assim, promover métodos de aproximação mais eficazes. O fracasso escolar não é um fenômeno unilateral, visto que, junto a ele, surgem problemas de autoestima que transformam até mesmo o conceito que o discente tem de si mesmo e do mundo. Sozinho, o professor não consegue desenvolver um trabalho proveitoso, mas em conjunto com a sociedade.

Nesse entremeio, a realidade nas infraestruturas das escolas públicas também contribui para o desenvolvimento de conflitos, pois os alunos são expostos a salas de aula quentes, com espaços reduzidos para turmas superlotadas, métodos de ensino ultrapassados e metódicos, ensino teórico e pouca aplicação na prática. Diante disso, a sensação de abandono é constante, em que o governo e as autoridades competentes parecem se manter indiferentes às

dificuldades enfrentadas no meio escolar, se recusam a dar ao professor seu devido valor, não buscam proporcionar uma infraestrutura digna às escolas, não tomam as medidas cabíveis com relação a esses jovens que vivem em situação de risco – devido a isso, o quadro se agrava de maneira impactante.

### **2.3 Impactos no processo de ensino e aprendizagem**

Diante desse quadro preocupante, o ensino e o nível de aprendizagem tendem a obter índices mais baixos. Os professores se sentem desmotivados devido à desvalorização da classe pelo governo que não paga um salário justo, não disponibiliza materiais de qualidade e os expõe a condições de trabalho sub-humanas e a pressões para obter bons resultados:

Por conseguinte, as escolas estão cheias de trabalhadores enfermos, com males físicos e psicossomáticos. O número de licença saúde é cada vez maior. Cresce também o número de educadores que são acometidos pela Síndrome de Burnout, que é uma tensão emocional crônica devido aos vários problemas e dificuldades que o trabalhador da educação enfrenta no seu dia-a-dia. Tal Síndrome é entendida como um conceito multidimensional, que envolve três componentes básicos: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho (DALBERIO, 2009, p. 120).

Em um cenário catastrófico, os jovens cada vez mais abandonam a escola. Eles são justamente os que mais necessitam do acompanhamento e dos conhecimentos que são passado pelos docentes:

Dessa forma, a escola acaba reproduzindo a exclusão social, criando vítimas do sistema capitalista excludente, pois sem o domínio dos conteúdos científicos historicamente acumulados, de forma compreensiva, clara, interdisciplinar e contextualizados, o filho da classe operária torna-se indivíduo sem condições de concorrer a uma vaga no competitivo mercado de trabalho. É, sem dúvida, um candidato à exclusão social (DALBERIO, 2009, p. 95).

A escola abandonou o real papel de fazer com que o aluno desenvolva a autonomia e cidadania, pois abrange muito mais do que ensinar a ler, escrever e contar. Isso reforça a ideia de que a escola é um lugar ruim, onde ele não se sente acolhido e, tampouco, digno de estar ali.

Compreender os processos que envolvem o aprendizado se torna imprescindível, visto que, quando eles são alterados por motivos sociais, econômicos ou culturais, pode haver consequências e dificuldades na convivência e adaptação. Por esse motivo, é de suma importância que a escola se mantenha presente e ativa na interação com a família e a vida do

educando, ao conhecer a realidade dele e o meio no qual está inserido. Dessa forma, é possível obter resultados satisfatórios e métodos eficazes para lidar com esses estudantes:

Se nas escolas as relações são também superficiais, fugazes e frias, não a presença do erótico, que segundo Freud, é tão essencial para a nossa existência. E, onde há indiferença falta a liberação de serotonina, que dá energia, ânimo. E como, consequência, não há a fixação na memória, não há, portanto, aprendizagem (DALBERIO, 2009, p. 128).

Evidentemente, a educação passa por tempos nebulosos, em que a qualidade e o papel dela têm sido comprometidos com um retrocesso no processo de ensino e aprendizagem. Nesse aspecto, os profissionais da área educacional precisam ter suporte para lidar com tais adversidades, a exemplo das políticas públicas. Diante disso, perguntamos: há leis que asseguram uma formação ou até mesmo orientações para eles estarem preparados para tais “atropelos”? E, se existem, como as escolas têm se posicionado com relação a isso?

Sendo assim, buscaremos respostas nas leis que permeiam e defendem a educação, além de práticas pedagógicas que podem ser utilizadas pelos professores para haver o engajamento dos alunos. Com isso, eles podem se distanciar da indisciplina, um dos fatores que desencadeiam a violência na escola.

#### **2.4 A importância do professor e sua formação continuada para novas práticas**

Em um contexto social cada vez mais moderno e rápido, no qual crianças e adolescentes têm acesso a informações em primeira mão, é imprescindível a permanente atualização por parte dos professores. Eles necessitam se manter em conformidade com a realidade dos alunos para utilizar novas ferramentas tecnológicas em aulas interessantes e produtivas.

Nessa perspectiva se insere a formação continuada que, segundo Furtado (2015, [n.p.]), diz respeito ao:

[...] processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade docente, realizado ao longo da vida profissional, com o objetivo de assegurar uma ação docente efetiva que promova aprendizagens significativas.

Ou seja, a formação continuada não contempla apenas os cursos realizados após a graduação, como também um expressivo e necessário complemento para otimizar a qualidade de ensino. Essa formação continuada pode acrescentar ideais ao professor, já que, a partir dela, poderá ampliar as práticas docentes, de forma que as aulas não se tornem ultrapassadas.

A formação continuada deve ser capaz de conscientizar o professor de que teoria e prática são “dois lados da mesma moeda”, que a teoria o ajuda a compreender melhor a sua prática e a lhe dar sentido e, conseqüentemente, que a prática proporciona melhor entendimento da teoria ou, ainda, revela a necessidade de nela fundamentar-se (FURTADO, 2015, [n.p.]).

A partir do momento em que o professor se propõe a rever as metodologias e sempre revisita suas práticas, o processo de ensino e aprendizagem se torna prazeroso e significativo para o aluno. Isso motiva o docente a inovar e a levar atividades e projetos para a sala de aula, que irão valorizar o estudante e sua trajetória de vida, o que fortalece ainda mais essa parceria.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), a formação continuada se torna uma obrigatoriedade – o quarto capítulo do guia de implementação, inclusive, se dedica exclusivamente a discutir tal perspectiva, ao potencializar ainda mais essa premissa. Além disso, a formação continuada é garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

Art. 62. Parágrafo único. Garantir-se-á a formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós graduação (BRASIL, 1996, [n.p.]).

Essa lei garante não só a formação continuada, como também estipula que essa iniciativa se origine da escola que emprega esses profissionais, já que a formação inicial não é suficiente para atender uma demanda em crescimento constante. Juntamente com todo o corpo docente e os funcionários da instituição, a direção e a coordenação podem tomar medidas cabíveis como preparar e planejar ações direcionadas ao aperfeiçoamento, que necessitem do engajamento de todos.

Quando todos dialogam e participam, o envolvimento e o comprometimento de todos são maiores. Têm uma causa em comum, comprometem-se com a vida dos educandos e com o futuro da escola. Assumem responsabilidades com as mudanças (DALBERIO, 2009, p. 129).

Mas infelizmente o que temos visto é que essa aspiração está longe de ser alcançada, pois, devido a tantas desilusões e situações difíceis enfrentadas o que se percebe é que há uma resignação diante da situação atual, o que acaba provocando uma certa inércia, que ligada ainda apoio quase inexistente das políticas públicas efetivas que torna mais difícil tomar decisões que possam vir a promover as mudanças necessárias.

## **2.5 O papel do professor e suas ações relacionadas à formação continuada de docentes nas escolas**

Em vista dos aspectos mencionados na presente seção, devemos refletir sobre os enfoques da violência, no que tange aos professores e a seu impacto no processo de aprendizagem. Foi possível constatar que a educação passa por questionamentos, pois são nítidas as novas descobertas tecnológicas que avançam pela democratização, o que permite ao ensino atingir índices satisfatórios de qualidade.

Por um lado, os alunos têm acesso e possibilidades jamais vistas e a cada dia surgem pesquisas e projetos voltados a essas melhorias. Por outro lado, ainda existem barreiras que levam a afastamentos nesse contexto. As novas metodologias não parecem chegar às camadas mais pobres da sociedade, e uma educação que deveria unir passa a afastar os alunos com dificuldades financeiras.

O diálogo entre professor e aluno se tornou difícil, pois não existe mais a aproximação, o que gera desconforto e desconfiança. Os docentes não têm participação ativa na vida dos educandos, tampouco sabem as situações enfrentadas por eles todos os dias; por isso, se sentem totalmente despreparados para atuar quando os jovens se revoltam e agem com violência. Esse é um dos reflexos de uma sociedade que coloca os próprios interesses acima de todos, a exemplo das crianças que não ouvem negativas, vivem à margem e/ou são vistas muitas vezes apenas como a continuação de seus pais.

A qualidade do ensino e o sucesso do educando serão garantidos se houver uma base sólida. Não é um caminho fácil, pois sabemos que a profissão docente é desvalorizada e gera inúmeros ataques; porém, é a esperança de uma realidade social mais justa e igualitária, e ele que poderá mediar o acesso dos jovens à autonomia e à liberdade em relação à desigualdade social.

### 3 CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

#### 3.1 Um breve contexto histórico e localização do município de Campos Belos/GO

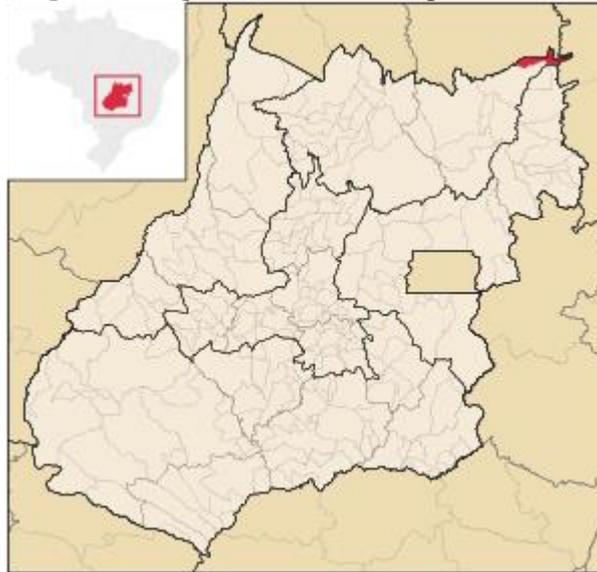
Apresentamos um breve histórico do município de Campos Belos/GO a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). As terras desse local eram fazendas inseridas em Arraias, Tocantins. Em 1893, Ciriaco Antônio Cardoso, auxiliado por Maria Prima Gasparino Pinheiro e fazendeiros vizinhos, constrói uma capela para Nossa Senhora da Conceição. A providência de se ter uma capela para congregar atendia aos interesses dos moradores da região, como as famílias tradicionais formadas por descendentes de portugueses: Cardoso; Costa Madureira, da qual Maria Prima fez parte; e Batista Cordeiro.

O primeiro nome do lugar foi Almas, idêntico ao da fazenda de origem. Um frei dominicano, de passagem pela região e encantado com a planície cortada por córregos e cercada por morros, o que dava o aspecto de muralhas, sugeriu a mudança do nome para Campos Belos/GO:

Distrito criado com a denominação de Campos Belos, pelo Decreto n.º 5, de 05-03-1890, subordinado ao município de Arraias. Pela Lei Estadual n.º 271, de 04-07-1906, o distrito de Campos Belos deixa de pertencer ao município de Arraias para ser anexado ao município de Chapéu. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito figura no município de Chapéu. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município de Chapéu foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Arraial. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Campos Belos figura no município de Arraial. Pelo Artigo n.º 62, do Ato das disposições transitórias de 20-07-1947, o distrito de Campos Belos deixa de pertencer ao município de Arraial para ser anexado novamente ao município de Chapéu. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o distrito de Campos Belos figura no município de Chapéu. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950. Pela Lei Estadual n.º 773, de 16-09-1953, o município de Chapéu passou a denominar-se Monte Alegre de Goiás. Elevado à categoria de município com a denominação de Campos Belos, pela Lei Estadual n.º 954, de 13-11-1953, complementada pela Lei n.º 1.274, de 14-12-1953, desmembrado de Campo Alegre de Goiás (ex-Chapéu). Sede no antigo distrito de Campos Belos. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1954. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2018 (IBGE, 2021, [s.d.]).

Com os aspectos elencados acima, tivemos o intuito de apresentar ao leitor o contexto histórico em que o lócus da pesquisa está inserido.

**Figura 1.** Mapa da cidade de Campos Belos/GO



Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Campos\\_Belos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Campos_Belos)>. Acesso em: 12 abr. 2021.

**Figura 2.** Foto parcial da cidade de Campos Belos/GO



Fonte: <<http://www.mngo.mp.br/portal/noticia/mp-obtem-liminar-que-obriga-regularizacao-de-empresamento-em-campos-belos>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

As Figuras 1 e 2 acima representam elementos da cidade de Campos Belos/GO.

### 3.2 Caracterizações da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, com o viés da história oral e da narrativa, além da aplicação de entrevista semiestruturada *on-line* por meio do Google Meet. Visou-se investigar, por intermédio de profissionais de uma escola municipal, como ocorre a violência na instituição contra o professor e o impacto dessa

situação no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, com base na pesquisa qualitativa citada por Bogdan e Biklen (1994), pretendemos ampliar o campo de investigação antes dominado por aspectos de mensuração, definições operacionais, variáveis, hipóteses e estatísticas. Tal expressão é usada de maneira genérica para designar diferentes estratégias de estudo, em que os dados obtidos são considerados descritivos e se relacionam a pessoas, locais e conversas com um tratamento estatístico complexo.

Nesse contexto, a investigação prioriza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Questões são formuladas visando a uma investigação dos fenômenos, “em toda a sua complexidade e em contexto natural” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16), em que não se preocupam com as variáveis, as respostas a perguntas prévias ou o teste de hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Assim, a pesquisa ocorreu sob o viés qualitativo por seu caráter descritivo e relacionado ao sentido atribuído pelas pessoas (a professora, uma ex-membro da administração e a coordenação) à questão investigada, isto é, a violência nas escolas a partir de um estudo de caso e por meio de narrativas das entrevistas semiestruturadas. Estas últimas foram realizadas de forma remota, em virtude da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19).

O estudo percorreu um dos panoramas mais complexos e conflituosos da sociedade atual e temos a certeza de que não se esgotarão as reflexões elencadas na presente investigação. Assim, partimos de questionamentos sobre a história de vida e a formação dos professores, com o intuito de conhecer os sujeitos de nossa pesquisa e por entendermos que as histórias individuais dessas pessoas estão relacionadas às do coletivo para, posteriormente, aprofundarmos nas questões do foco da pesquisa sobre a violência.

Assim, a partir dessa dimensão dialética, há uma crítica historicamente baseada em dados da realidade. Vale destacar que recorreremos à pesquisa qualitativa, por ser uma investigação social que trabalha com fenômenos humanos imprevisíveis – nesse caso, não nos interessa a quantificação em si.

Existe um debate na Ciências Sociais quanto a serem classificadas como verdadeiras ciências ou não. Vários pesquisadores da área da educação, que acreditam na especificidade de tais estudos, afirmam ser impossível negar tal estatuto às Ciências Sociais que trabalham com variáveis de difícil quantificação.

Em consonância com Menezes (2006), não podemos negar que o campo das Ciências Sociais lida, essencialmente, com questões e problemas cujas respostas ou soluções se restringem ao âmbito das probabilidades; ou seja, não podemos esgotar o estudo no sentido de sua conclusão, visto que as inferências que nos levam ao tipo de pesquisa a ele inerente não podem ser consideradas definitivas. Conforme Minayo (2002, p. 21-22): “Muitos pesquisadores sociais, não almejam a quantificação, mas a compreensão das relações humanas imersas em crenças, valores, costumes, lidando com a ação humana”.

Na abordagem qualitativa, há a contribuição de vários autores, mas com uma convergência entre diferentes perspectivas. Dentre eles, Bogdan e Biklen (1994), por exemplo, analisam as características desse tipo de investigação, relacionadas à delimitação e formulação do problema, ações e postura do pesquisador, seleção dos sujeitos do estudo e, posteriormente, as técnicas para a análise dos dados.

Para esses autores, a delimitação e a formulação do problema decorrem de um processo indutivo que se define ao longo da pesquisa. Procuramos nos amoldar a esses preceitos por concordarmos com os autores quanto às referidas características. Partimos da ideia de que o problema é como um obstáculo que, para ser transposto, necessita de uma séria imersão do pesquisador no contexto em que ele se apresenta (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Com isso, tornou-se necessário compartilhar experiências e percepções com os sujeitos, para descobrir os fenômenos por trás de suas aparências. Tentamos praticar uma permanente reflexão, durante o desenrolar da pesquisa, devido à necessidade de constante revisão, explicitação e reorientação da pergunta inicialmente colocada. É da dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa, que se parte para a solução ou posteriores questionamentos, ou seja, o problema serve como ponto de partida para o estudo.

Nesse sentido, o problema que serviu como para iniciar a presente pesquisa se desmembrou em diferentes indagações, já expostas na introdução e relacionadas à violência na escola analisada, a como ocorre o enfrentamento e aos impactos no processo de ensino e aprendizagem.

Com relação à pesquisadora, procuramos observar as considerações de Bogdan e Biklen (1994), de que este deve, antes de tudo, estar despojado de preconceitos, adotando uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, não antecipando explicações, nem se conduzindo por aparências, na tentativa de obter bons resultados na investigação dos fenômenos.

Além disso, nos portamos de forma dinâmica e comprometida com os problemas que surgiram ao longo do processo de pesquisa. Convencemo-nos de que o papel do investigador

qualitativo é fundamental no que se refere à construção do conhecimento. Pelo fazer investigativo, são adquiridas as habilidades essenciais à construção de novos saberes.

Nesse prisma, o estudo tem a finalidade de analisar as informações para dar sentido à investigação, pois, conforme Lakatos e Marconi (2010, p. 269), a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

### **3.3 Lócus da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com profissionais da Escola Municipal Jandira da Silva Aires, localizada à Rua Padre Pelágio, Qd. 8, Lt. 5, Bem Bom, Campos Belos/GO. A seguir, apresentamos os dados extraídos do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, cujo objetivo é promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos por meio da relação entre professor, aluno e conteúdo, bem como esclarecer a importância do exercício consciente da cidadania.

Entre os objetivos específicos do PPP e relacionados à presente pesquisa estão: desenvolver práticas pedagógicas que incentivem os alunos a ter o hábito da leitura e da escrita, assim como a apropriação das habilidades e competências exigidas pela grade curricular; buscar a conscientização dos educandos para a importância de se instrumentalizarem com os conteúdos propostos pelo currículo, para uma atuação consciente e fundamentada em sua prática social; promover a formação de atitudes e valores, respeito e compromisso coletivo, em detrimento a essa sociedade individualista e excludente; e incentivar ações que busquem práticas internas de incentivo ao desenvolvimento da autoestima do educando, além de contribuir para uma transformação cultural, crítica e reflexiva (ESCOLA MUNICIPAL JANDIRA DA SILVA AIRES, [s.d.]).

Para alcançar esses objetivos, a escola realizou um estudo sobre os principais problemas que afligem a comunidade por meio de questionários, com pesquisas abertas e fechadas. Buscou-se entender os pontos positivos e negativos, para uma melhor elaboração das ações pedagógicas. Assim, de acordo com o PPP da Escola Municipal Jandira da Silva Aires ([s.d.], p. 12-13), temos os seguintes dados:

70% dos nossos alunos, é residente do setor Bem Bom, e outros 30% residem em bairros vizinhos e distantes da escola, como em fazendas; a maioria mora com seus pais em (diversos arranjos familiares). O grau de

instrução dos pais tem variações desde o analfabetismo, ao início do ensino fundamenta, ao término do Ensino Médio. E também com as mais variadas profissões. Os critérios que os levaram a escolher esta escola foram baseados pelas necessidades familiares, ou seja, proximidade da residência e do local de trabalho dos pais com a localização da escola, seguida de recomendação de amigos e colegas. A comunidade de entorno da escola é constituída de pessoas na sua maioria humildes, embora o bairro, predominantemente residencial, possuem casas bem projetadas e de boa estrutura física. Entretanto, a maioria da população é constituída de pessoas simples e humildes trabalhadoras domésticas e prestadores de serviços, embora existam também, em quantidade menor, servidores municipais e estaduais que residem nas adjacências da escola. Percebe-se também, um crescente problema entre os jovens dessa comunidade, influência às drogas: lícitas e ilícitas entre os rapazes e a gravidez precoce entre as meninas. Com relação ao comércio há mine mercados e lanchonetes, mas prevalece em sua maioria bares. Também existe uma *lan house*, quadra poliesportiva, postinho de saúde. Já no que se refere ao saneamento básico da comunidade, a população é bem servida neste aspecto com praticamente 100% de água encanada e rede de esgoto. Nos demais aspectos: destacando a segurança, precisa-se de uma atenção especial, pois, percebe-se que há uma onda crescente de tráfico de drogas.

Na sequência, há uma foto do pátio onde estão dispostas algumas atividades realizadas na escola analisada:

**Figura 3.** Escola Municipal Jandira da Silva Aires



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021).

### 3.4 Sujeitos e colaboradores

Com o lócus e o percurso da pesquisa definidos e por termos uma relação de afetividade com a escola, por estar inserida em nossa história de vida, como relatamos nas

memórias, o tema da violência nos aflige de fato. Assim, entramos em contato com a diretora, mas foi um processo longo, pois, com o Covid-19, houve o afastamento da universidade desde o início de março de 2020, com atividades interrompidas e incertezas; conseqüentemente, adiamos os contatos com os colaboradores da pesquisa. Apenas a partir do Parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) n. 15, de 6 outubro de 2020 (BRASIL, 2020), com o retorno das aulas por meio de atividades remotas, que realizamos novamente os contatos com a direção da escola no final do ano. A pandemia nos trouxe novos desafios e tivemos que nos adaptar e nos organizarmos para, enfim, realizarmos o levantamento dos dados no mês de fevereiro de 2021.

Ao retornarmos à escola para concretizarmos a pesquisa, obtivemos a informação de que havia trocado a gestão da escola, mas, para a relevância da análise dos dados da pesquisa e pelo conhecimento do contexto escolar, decidimos solicitar, à atual diretora, a realização do estudo com a ex-diretora. Ela considerou pertinente a situação, por ter iniciado os trabalhos apenas em 2021 na referida função.

Nesse contexto, agendamos as datas e os horários em que seriam realizadas as entrevistas, mas respeitando a condição dos colaboradores. Procedemos inicialmente com a entrega da carta de cessão (Apêndice D) e passamos para a coleta de dados, com as entrevistas semiestruturadas na modalidade *on-line* – apesar de problemas de conexão com a Internet, conseguimos obter as informações necessárias.

Com a intenção de preservar a identidade dos sujeitos, as narrativas foram identificadas com a letra inicial dessas pessoas, seguida do ano e do dia da entrevista, em observância ao caráter ético da pesquisa. Apenas a entrevista da ex-diretora foi identificada com a autorização da mesma. Vale ressaltar que o roteiro de entrevista (Apêndices A, B e C) foi produzido em função da necessidade de distanciamento social exigido pela pandemia do Covid-19.

Assim sendo, o presente trabalho foi ilustrado e analisado por meio das narrativas feitas com base no levantamento dos dados que incluem transcrições de entrevistas, notas de campo e outros registros pessoais, na tentativa de analisarmos a riqueza dos dados, mas sempre com respeito e fidelidade à forma como foram registrados ou transcritos. “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

A partir dessa concepção, realizamos as devidas análises em concordância a Bodgan e Biklen (1994), para quem o significado é essencial na abordagem qualitativa e na história oral. Nesse caso, os investigadores qualitativos “estão interessados no modo como diferentes

peças dão sentido às suas vidas” (*ibidem*, p. 47), o que lhes possibilita apreender a dinâmica interna das situações vividas pelos sujeitos, geralmente invisível para quem observa de outra perspectiva.

Destacamos ainda que os pesquisadores que se utilizam de uma abordagem qualitativa estão preocupados em compreender como os sujeitos investigados expressam o que sabem sobre aquilo que experimentam – normalmente, esse tipo de pesquisa se constitui em um estudo de caso. Do mesmo modo, procura-se configurar como uma experiência de “estudo de caso”, uma vez que partiu da observação detalhada das ações ocorridas em um contexto ainda em formação e recorreu à pesquisa de documentos e entrevistas.

Os pesquisadores em um estudo de caso, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 89), “procuram indícios de como deverão proceder e qual a possibilidade de o estudo a se realizar. Começam pela coleta de dados, revendo-os, explorando-os e vão tomando as decisões acerca do objetivo de trabalho”. Nesse sentido, o diário se tornou essencial para compreender os ditos e os não ditos durante a pesquisa, pois o:

[...] analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto (DEMO, 2012, p. 33).

Ao corroborar com Demo (2012), Triviños (1987) destaca as anotações de campo que podem ser classificadas em dois tipos de natureza reflexiva ou descritiva. Nesta última se destacam comportamentos, ações, atitudes, palavras e outros que envolvem significados, representação de valores e pressupostos do sujeito e do meio sociocultural e econômico ao qual pertence. Para o autor, se pretendemos descrever o mais exatamente possível um fenômeno, “sob cada comportamento, atitude e/ou ideia existe um substrato que não podemos (e não devemos) ignorar” (*ibidem*, p. 155). Dessa maneira, trouxemos tais aspectos para a análise dos dados.

#### **4 A HORA E A VEZ DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA JANDIRA DA SILVA AIRES: OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS DOS COLABORADORES DA PESQUISA**

Com o intuito de compreender a temática da violência sofrida por professores na escola e como os conflitos prejudicam o desenvolvimento escolar e a convivência do grupo, neste capítulo iremos analisar o resultado da coleta de dados realizada por meio das entrevistas semiestruturadas feitas com profissionais da instituição de ensino – a ex-diretora, a coordenadora e uma professora.

Como ressaltado nas seções anteriores, a violência ainda é uma realidade nas escolas e, por haver inúmeros tipos desse aspecto, não é possível diferir a mais recorrente. Assim surgem dúvidas sobre a melhor maneira de os professores e a instituição se posicionarem e desempenharem seu papel na vida de alunos que são vítimas ou praticam a violência.

Quando questionada sobre as memórias positivas e negativas que guardava a respeito de seus professores, uma das entrevistadas pontua uma questão relevante: “No caso, então, é isso que a gente observa, que faz grande diferença quando a criança é incentivada, quando ela é colocada para cima, e também o contrário tem efeitos bem negativos. Acredito muito nisso”<sup>4</sup>.

Nessa fala percebemos o quão importante é a passagem do professor na vida de cada aluno, em que as palavras da profissional da educação podem aumentar ou diminuir a credibilidade que o estudante possui de si mesmo, com a respectiva escolha do caminho pelo qual ele irá seguir. Com isso:

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. Como tenho insistido neste e em outros trabalhos, saber escutá-lo não significa, já deixei isto claro, concordar com ela, a leitura do mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira corra que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo (FREIRE, 1996, p. 46).

---

<sup>4</sup> Informação verbal concedida por R. em 2021, p. 25.

A partir dessas colocações, é notável que o bom relacionamento entre professor e aluno é primordial para o enfrentamento da violência em ambientes escolares:

O incentivo dos meus professores [...] foi um diferencial na minha vida e, como eles me empurravam para cima e acreditavam em mim. Então, assim, [...] eles percebiam que eu era diferente, que eu tinha alguma coisa diferente, e isso aí me impulsionou muito<sup>5</sup>.

Nesse excerto constatamos como a interferência do professor faz a diferença na vida dos alunos, pois, quando eles se sentem acolhidos no ambiente escolar, a aprendizagem se torna mais relevante e significativa, sobretudo quando eles não possuem apoio da família ou de ninguém próximo; logo, o docente se torna a maior referência e a única oportunidade de ser ouvido. Segundo Freire (2018, p. 111): “O educador que escuta, aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, as vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Porém, há o afastamento desses indivíduos ocasionado, muitas vezes, pelo cansaço. Há uma luta constante pela educação que muitos consideram falida não só pelo abandono citado pelos gestores com relação aos governantes, mas também pelo desinteresse dos alunos em estar ativos em sala de aula.

Educadores sentem dificuldades em ensinar jovens que não precisam aprender, de acordo com o ponto de vista desses últimos. Ademais:

Eu acredito também que até o próprio professor é agredido, ele também é violentado quando, por exemplo, o aluno é indiferente, quando ele mostra uma indiferença pelo conteúdo, pela aprendizagem, pelo desinteresse do aluno em sala de aula [...]. Então, o professor tem que ter muita sabedoria para saber lidar com a situação<sup>6</sup>.

O desinteresse e a indiferença, por parte dos alunos, desmotivam os professores e faz com que a educação e a aprendizagem não sejam significativas para nenhum dos lados, resultando, em baixos desempenhos e uma educação sucateada.

Nesse ínterim, a família teria o papel fundamental de trabalhar em conjunto com a escola, com vistas a motivar o aluno e mostrar a ele a importância daquele ambiente em sua vida. Porém, quando questionadas sobre o apoio e a participação da família na escola, e na vida dos educandos, as respostas foram preocupantes:

Infelizmente, no meu caso, nas minhas turmas, eu não recebo apoio da família. O apoio que eu tenho, de 100%, tira 20% que a família realmente apoia. Quando a família apoia, ela vai à escola, procura a escola, ela quer saber como seu filho está desenvolvendo, ela contribui na ajuda com as

<sup>5</sup> Informação verbal concedida por R. em 2021, p. 25.

<sup>6</sup> Informação verbal concedida por N. em 2021, p. 3.

atividades, que não seja ensinando, mas cobrando para que o aluno faça as atividades, mas, infelizmente, a maioria matricula o aluno no início do ano letivo e simplesmente volta ali no final do ano para renovar a matrícula. Infelizmente, essa é a realidade<sup>7</sup>.

A colaboradora evidencia o estado de abandono da educação dos jovens, já que nem os responsáveis se preocupam em incentivá-los. Essa indiferença é sentida pelo aluno que percebe, no seu núcleo familiar, o descaso sobre o processo de aprendizagem, ao acreditar que ele não é importante, o que desencadeia uma série de atitudes e ações que visam chamar a atenção daqueles que ele realmente ama. Sobre isso, a ex-diretora afirma que “a violência física e psicológica na infância, nesse período escolar, é séria, e, se a criança não tiver alguém que ela confia, realmente ela sofre muito. É fato”<sup>8</sup>.

Diante disso, a família precisa estar presente na escola para manter uma relação de comprometimento, colaboração e parceria com os profissionais da educação, de forma que o aluno possa usufruir plenamente do direito à aprendizagem, garantido na Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988:

Art. 205. A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, [n.p.]).

Sendo assim, também é dever da família, como instituição social primária na vida de qualquer indivíduo, prezar pelo cuidado e pela atenção com as crianças, já que, nas palavras da ex-diretora, “a família tem todo o impacto no desenvolvimento da criança. A gente fica com elas apenas quatro horas durante um dia, ficava em 2019, e a família tem todo tempo do mundo”<sup>9</sup>.

A família terá mais tempo para forjar e inculcar valores, ensinar o que é certo ou errado, apresentar direitos e deveres para os alunos se tornarem cidadãos conscientes, além de lhes dar noções de respeito ao próximo, o que propicia uma boa convivência em grupo:

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família e escola, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou (TEDESCO, 2002, p. 36).

---

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> Informação verbal concedida por R. em 2021, p. 25.

<sup>9</sup> *Idem.*

Portanto, a falta do apoio familiar se reflete não só na aprendizagem, mas também no desenvolvimento da personalidade do aluno, pois, como citado anteriormente, é na família que ele irá aprender sobre ética, respeito, honestidade e empatia. Tais valores são fundamentais para conviver na sociedade e formar um cidadão articulado e capaz de expressar suas emoções sem ferir e nem invadir o espaço do próximo.

Porém, notamos que os jovens chegam à escola sem noções básicas sobre esses valores. Isso contribui para as atitudes explosivas que ocorrem em sala de aula e são externalizadas com os professores e colegas, em virtude de frustrações geradas na família deles ou até mesmo na rua:

[...] muitas vezes, as confusões explodem na escola, mas elas começaram na rua, ela começou na vizinhança, entendeu? Isso que eu descobri que a maior parte das confusões da escola foram provocadas primeiro na rua, no bairro, nos vizinhos, famílias que se intrigam, e aí reflete lá na escola<sup>10</sup>.

Como dito pela entrevistada, a escola se torna um espaço para duelos, aonde os alunos se dirigem para resolver desavenças individuais. Esses conflitos crescem e se transformam em um “emaranhado de problemas”, pois envolvem os pais (ou responsáveis) de ambos os lados que dificilmente estarão preparados para lidar de forma pacífica e ordeira no entendimento das causas do problema, o que pode resultar em mais atritos; logo, a coordenadora, a diretora e os professores se tornam os apaziguadores da situação.

Quando perguntamos à ex-diretora sobre como ocorria a mediação para haver a dissolução do conflito, ela respondeu, *in verbis*, que:

Geralmente, eu fazia uma reunião com a família do agressor e com a família da criança que foi a vítima, que foi agredida. E aí eu procurava conversar com todos, tentando [...] buscar dentro da família de cada um os motivos, buscar as causas – se essa rixa foi na escola, se ela começou em casa – porque, muitas vezes, as confusões explodem na escola, mas elas começaram na rua, ela começou na vizinhança<sup>11</sup>.

Aqui, o diálogo se torna a principal ferramenta do profissional, pois, apenas por meio dele, as diferenças podem ser resolvidas de forma ordeira, sem permitir que a situação seja externalizada e se torne um “acerto de contas” entre as famílias. Nesse caso:

[...] as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável. A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas

---

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 26.

formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais. A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social (CHRISPINO, 2007, p. 23).

Constatamos, pois, que a escola ainda é fundamental na sociedade, não só como principal fonte de democratização do conhecimento, mas também como figura de respeito e confiança. Nesse contexto, os professores passam a resolver conflitos com os quais eles sequer estão preparados para lidar, como afirma uma das entrevistadas:

Há um distanciamento muito grande entre a teoria da universidade, da faculdade com a prática escolar que você convive dia a dia com aquele aluno. Há uma disparidade, sim, no meu ponto de vista muito grande do ponto teórico e o prático da escola e da faculdade<sup>12</sup>.

Com a narrativa acima, refletimos sobre como os profissionais da educação podem exercer o papel de mediadores do conhecimento para esses jovens, uma vez que diariamente surgem novas problemáticas e situações que exigem desses profissionais um posicionamento para o qual eles não foram preparados. Entre a teoria da universidade e a prática das escolas há um abismo, em que muitos “caem” nele por não obter apoio ou incentivo para desenvolver novas práticas que contribuam para a dissolução dos problemas presentes na escola. Logo, a tendência desse jovem profissional é seguir as mesmas práticas adotadas pelos mais experientes:

É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação. Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento (NÓVOA, 2001, p. 25).

Mesmo que as teorias ensinadas nas universidades sejam fundamentais para compreender o processo de ensino e aprendizagem, além de lidar com as nuances de uma sala de aula, no contato direto com os alunos, esses conhecimentos se tornam uma falácia sem a prática ou a habilidade de unificar um elemento ao outro. Nesse sentido, Freire (1989, p. 67) explica que a “teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

---

<sup>12</sup> *Idem.*

Então, a escola se torna um espaço de aprendizado não apenas para o aluno, mas também para o professor que, inserido nesse processo, passa a enxergar as inúmeras possibilidades e caminhos aos quais ele tem acesso, até porque:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado (FREIRE, 1996, p. 12).

Conscientes desse inacabamento, os professores estão sempre em busca de aprender cada vez mais e oferecer o melhor para os educandos. Conscientes de nossa ignorância, permitimo-nos a aprender com (e a ouvir) o outro para entender que a educação é um processo coletivo que necessita do apoio e participação de todos para ser profícuo.

Ao optar por essa linha de pensamento e com vistas à melhora da interação entre escola, família e alunos, a abordagem escolhida pela ex-diretora entrevistada compreende a escuta e o entendimento dos discentes, o respeito às suas individualidades e a compreensão, por intermédio deles, sobre as motivações dos conflitos presentes na escola.

Por meio dessa abordagem, os resultados começaram a surgir e refletiram em todas as áreas da escola:

[...] houve essa grande diferença, há essa grande diferença de a criança entender o outro e entender que não somos todos iguais e temos os mesmos direitos. Somos diferentes diante de nossas crenças, diante de nossas formas de agir, de vestir, de interpretar, somos muito diferentes, mas que, perante a lei, temos os mesmos direitos. E aí, quando você vence essas barreiras, faz grande diferença, porque não adianta falar que tratamos todo mundo igual porque não tratamos. Não somos iguais! Temos os mesmos direitos perante a lei, mas somos pessoas completamente diferentes<sup>13</sup>.

Com o escopo de respeitar as diferenças, foram criados projetos para abarcar todos os alunos, respeitar suas singularidades e propiciar o diálogo entre todos os indivíduos envolvidos no processo. Um exemplo disso foi o Afrocultura, desenvolvido pela ex-diretora da escola antes de assumir a gestão e que teve continuidade quando ela assumiu o cargo. O projeto foi citado com muito carinho e orgulho, já que, por meio dele, os estudantes tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor, de expressar suas inseguranças e aprender a respeitar o próximo.

---

<sup>13</sup> *Idem.*

Tal iniciativa também propiciou discussões acerca do racismo e da discriminação presentes na escola e permitiu que os alunos compreendessem elementos sobre identidade, representatividade e pertencimento. Esse debate gerou nos alunos as noções de inclusão e aceitação, em que passaram a ver a instituição de ensino não mais como reprodutora de estigmas e preconceitos da sociedade, mas como um lugar de acolhimento e união.

Ademais, o referido projeto propiciou uma melhor interação com os alunos, de forma que o processo de ensino e aprendizagem passou a ter significado para todos. Essa abordagem foi muito bem-vinda na escola, já que:

Os conceitos abstratos aparecem distantes da vivência concreta, se tornam estranhos, sem motivação. Logo criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem as vivências pessoais e as experiências sociais tão instigantes na dinâmica política, cultural, quem interrogam seu pensar e seu viver (ARROYO, 2013. p. 115).

Surgiram ainda outras contribuições que auxiliaram no enfrentamento da violência na escola, como o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), com participação da Polícia Militar. Essa iniciativa visa alertar os alunos sobre os malefícios ocasionados pela venda e pelo consumo de entorpecentes não só para a saúde, mas também para o futuro como cidadãos.

Com o estudo e a observação dessas narrativas, verificamos que a preocupação com o bem-estar dos alunos por parte do corpo docente é constante. As medidas tomadas para promover a qualidade de ensino e a participação dos estudantes na instituição é permanente, já que a abordagem utilizada é o sociointeracionismo, cujo objetivo principal é incentivar o estudante a construir o próprio conhecimento por meio da interação social (VYGOTSKY, 2000). Nesse caso, o professor é apenas um mediador do ensino e, juntamente com os discentes, motiva as trocas de experiências para obter um aprendizado que transforme a vida deles pelo conhecimento e a tomada de consciência de real papel desses indivíduos na sociedade.

A abordagem realizada na escola tem obtido bons resultados, inclusive de forma remota nesse período de pandemia. Os alunos conseguem se enxergar de uma forma diferente do que é visto na sociedade, já que o público atendido pela instituição é de uma realidade socioeconômica de vulnerabilidade. Devido a isso, muitas crianças chegam ao estabelecimento de ensino com baixa autoestima e não se acham capazes de mudar a realidade na qual estão inseridos:

[...] o papel da escola não é, então, o de simplesmente reforçar e legitimar a marginalidade que é produzida socialmente. Considerando-se que o proletariado dispõe de uma força autônoma e forja na prática da luta de classes suas próprias organizações e sua própria ideologia, a escola tem por missão impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária (SAVIANI, 1999, p. 27).

Nesse prisma, a escola é mais do que apenas uma instituição de ensino. Por intermédio dela, os alunos podem ter a chance de vencer os estigmas sociais, alcançar novas metas e alçar novos voos. Não se pode permitir que essas crianças e jovens se contentem em ser apenas parte do sistema, mas também movê-lo, provocar mudanças e serem exceções às regras estipuladas desde antes de seus nascimentos.

Por si só, a problemática da violência é um assunto extremamente difícil de ser debatido, principalmente na escola, com sujeitos que estão no início da vida, mas expostos aos problemas citados acima, como abandono da família, drogas, descaso, entre outros. Torna-se ainda mais difícil colocar, em palavras e ações, as formas de enfrentar essa problemática em um ambiente propício e com recursos suficientes.

Todavia, quando se fala do enfrentamento à violência sem assistência tanto familiar quanto governamental, buscamos soluções que, às vezes, não são fáceis de serem encontradas. Se o descaso e o abandono podem ser sentidos com relação às pessoas, eles podem ser claramente vistos na infraestrutura das escolas, como relatado pela profissional entrevistada que esteve à frente dessa situação:

A infraestrutura da escola, porque aí é uma escola que eu peguei e não tinha um muro. Aquele muro de placas, não sei se você lembra dele, mas aquele muro era um desafio; então, era um perigo ambulante para as crianças [...]. Esses desafios com a infraestrutura da escola, com relação a forro despencando, telhado caindo [...] <sup>14</sup>.

A entrevistada ainda explana que, após muita insistência, fez o prefeito atuante à época ir até a escola para providenciar a troca do muro e corrigir outras falhas; porém, outros problemas apareceram posteriormente. Se não conseguimos oferecer um ambiente seguro e confortável aos educandos, como podemos exigir deles o comprometimento com a instituição e a aprendizagem? Libâneo ([s.d.], *apud* TEIXEIRA; SCHWANTES, 2011) afirma que a escola bem-organizada garante condições pedagógicas e operacionais para os professores desempenharem um bom trabalho, a ponto de promover uma aprendizagem satisfatória a todos os estudantes. Sendo assim, um estabelecimento educacional sucateado não é o ambiente mais adequado para os docentes se inspirarem para desenvolver metodologias

---

<sup>14</sup> *Idem.*

libertadoras e criativas que provoquem nos alunos a curiosidade e a vontade de estar naquele lugar.

Com base nas narrativas no que ouvimos e presenciamos durante a coleta de dados e a observação dos fatos, fica claro que, como dito previamente, a luta dos profissionais por melhores condições de ensino e para oferecer um ensino de qualidade ao público atendido pela escola é constante. Mesmo em situações adversas e que favorecem a desistência, eles persistem e se esforçam em prol de algo que acreditam ser maior – a educação, a oportunidade de oferecer um ensino de qualidade àqueles que precisam de fato.

Como citado pela entrevistada:

[...] a gente faz essa trajetória quando a gente sempre olha para o outro, né? Então, eu sempre me doe, eu nunca fingi que trabalhei, eu sempre me doe, me joguei, dei a minha vida. Nunca quis fazer o que era possível, eu sempre quero dar o meu melhor em tudo que eu faço. O que eu fiz durante essa minha trajetória foi isso, eu dei o meu melhor e, até hoje, tudo que eu faço da minha vida eu dou o meu melhor<sup>15</sup>.

Conforme o discurso acima, quando um trabalho é realizado com esforço e dedicação, os resultados serão positivos. Em meio a uma realidade permeada por situações extremas de violência, a Escola Municipal Professora Jandira da Silva Aires continua em crescimento por intermédio de profissionais dedicados. Há a esperança de que a educação pode mudar vidas, em que a instituição deve propiciar melhores perspectivas de vida não só aos jovens alunos, como também a toda a comunidade.

---

<sup>15</sup> *Idem.*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos permitiu refletir e discutir sobre a violência no espaço escolar, com o olhar atento à situação do professor perante tal situação e os impactos no processo de ensino e aprendizagem. Objetivamos compreender as situações de violência sofridas pelos professores e as consequências delas no desempenho escolar dos alunos e na convivência em grupo.

Nesse sentido, o estudo percorreu o caminho da pesquisa qualitativa. Para tanto, utilizamos as entrevistas semiestruturadas, pois visávamos abordar e compreender a temática da forma mais humana e compreensiva possível, além de nos abstermos de qualquer julgamento. Ainda não objetivamos finalizar o estudo, uma vez que podem ser feitas discussões propícias ao enriquecimento e fortalecimento da educação – esse é um assunto sensível e que envolve espaços e realidades além da escola.

Inúmeras dúvidas e inquietações fossem sanadas, porém, novos questionamentos surgiram a partir dessas percepções. Podemos compreender como a escola e a figura do professor desempenham um papel de mediação essencial e insubstituível na sociedade, pois, ao mesmo tempo em que reproduz alguns males, ela nos possibilita reflexões e escolhas sobre os caminhos proporcionados a nós. Nesse cenário, os professores se tornam soldados incansáveis diante da batalha para fortalecer e preparar os alunos para os embates que poderão surgir ao longo de suas vidas, sem desistirem desse propósito.

Ao analisarmos as respostas dadas nas entrevistas, percebemos como a violência e a falta de apoio das políticas públicas educacionais efetivas corroboram para prejudicar o processo de ensino e aprendizagem. Apesar do desempenho dos profissionais e da dedicação dos alunos, constatamos que a ausência dos pais na escola é um problema grave. Nessa questão discutida há muito tempo, claramente ainda é prejudicial e merece o máximo de atenção, pois, mesmo que a escola e o corpo docente atribuam a si mesmos funções que não lhes competem, não é o suficiente, pois nunca serão substitutos da base familiar – tal instituição ainda é de suma importância para o desenvolvimento da personalidade de qualquer indivíduo.

Situações de violência existentes no espaço escolar prejudicam o processo de ensino e aprendizagem nos aspectos emocional, cognitivo, afetivo, entre outros. Diante disso, há a necessidade de investimentos em formação continuada de professores para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas direcionadas ao contexto atual. Mas também são necessários recursos no âmbito social, pois somente com o aprofundamento dessas questões complexas,

poderemos compreender as raízes de um problema tão grave para minimizá-lo de fato. Com isso, poderá haver melhores índices de qualidade de vida e ensino para os profissionais da educação e seus alunos.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP n. 15, de 6 de outubro de 2020. Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei n. 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 out. 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2020-pdf/160391-pcp015-20/file>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

CALDERÓN, Ricardo. **Princípio da afetividade no direito de família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DALBERIO, Maria Célia Borges. **Neoliberalismo, política educacionais e a gestão democrática na escola pública de qualidade**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

ESCOLA MUNICIPAL JANDIRA DA SILVA AIRES. **Projeto Político-Pedagógico**. Campos Belos, [s.d.].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FURTADO, Júlio. **A importância da formação continuada para professores**. Rio de Janeiro: Júlio Furtado, 2015. Disponível em: <<http://juliofurtado.com.br/2015/07/22/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. IBGE, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência**. 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em: 7 abr. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**: ciência e conhecimento científico. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEZES, Marilde Loiola de. Justiça e cidadania nos antigos e modernos. **Revista de Ciências Sociais**, v. 37, n. 2, p. 47-59, 2006.

MORGADINHO, Otávio Gil. **A família e a violência na escola**. 2007. Disponível em: <[ojornaldafamilia.blogspot.com/2007/06/familia-e-violencia-na-escola.html](http://jornaldafamilia.blogspot.com/2007/06/familia-e-violencia-na-escola.html)>. Acesso em: 22 nov. 2020.

NÓVOA, Antônio. Professor se forma na escola. **Nova Escola**, ed. 142, maio 2001.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016, p. 8-20.

PEREIRA, Luiza. **Os professores como profissão de risco**. Coimbra, 2008. Disponível em: <<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008022.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.

TEIXEIRA, Célia Regina; SCHWANTES, Rosileny Alves dos Santos (Orgs.). **Organização do trabalho pedagógico**: múltiplos olhares. São Leopoldo: Oikos, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Site: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>

## **APÊNDICES**

### **Apêndice A – Roteiro de entrevista (ex-diretora)**

#### **I - PERFIL PESSOAL E TRAJETÓRIA ESCOLAR**

1. Qual seu nome completo, ano e local de nascimento?
2. Conte sobre seus pais (nome deles, data local de nascimento, vida escolar profissão), compartilhe recordações sobre eles. Relate algo que lhe pareça importante sobre alguns deles?
3. Onde você frequentou as séries iniciais e se alfabetizou e como isso ocorreu?
4. O seu Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram realizados onde e como?
5. Quais memórias tem positivas e negativas dos seus professores?
6. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na Educação Básica?
7. Alguns deles foi referência para você escolher a docência como profissão?

#### **II - TRAJETÓRIA TÉCNICA, ACADÊMICA E PÓS-GRADUAÇÃO**

1. Onde cursou escola/faculdade e pós-graduação? Que curso fez? Que recordações tem daquela época?
2. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na a educação técnica ou superior?

#### **III - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

1. Como ocorreu seu ingresso no mercado de trabalho como professora? Houve influência da família?
2. Quais desafios e possibilidades lembram dos primeiros anos da profissão de professora? Recebeu algum apoio institucional ou de colegas do começo da profissão?
3. Quando e como começou a trabalhar na gestão?

#### **IV - GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA**

1. Como foi o início do seu trabalho na gestão da escola? Quais foram os principais desafios enfrentados com relação ao enfrentamento da violência na escola?
2. Como você percebe a sua relação professor-aluno nesta trajetória profissional em sua escola?
3. Você desenvolveu um trabalho mais direto com a família? Poderia comentar?

4. Qual era o impacto das situações de violência (física, verbal ou psicológica) na aprendizagem dos alunos?
5. Baseada em sua experiência como docente: Você acredita que crianças que vivem em situações de risco ou famílias desestruturadas são mais propensas a obter um baixo desempenho escolar?
6. Como você prestava assistência a equipe escolar? (em situações de violência física, verbal ou psicológica)
7. Você pode comentar de forma mais aprofundada sobre os projetos desenvolvidos na escola que visavam o enfrentamento da violência e a promoção da convivência em grupo?
8. Quais são suas expectativas para a educação pós pandemia?

## **Apêndice B – Roteiro de entrevista (coordenadora)**

### **I - PERFIL PESSOAL E TRAJETÓRIA ESCOLAR**

1. Qual seu nome completo, ano e local de nascimento?
2. Conte sobre seus pais (nome deles, data local de nascimento, vida escolar profissão), compartilhe recordações sobre eles. Relate algo que lhe pareça importante sobre alguns deles?
3. Onde você frequentou as séries iniciais e se alfabetizou e como isso ocorreu?
4. O seu Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram realizados onde e como?
5. Quais memórias tem positivas e negativas dos seus professores?
6. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na Educação Básica?
7. Alguns deles foi referência para você escolher a docência como profissão?

### **II - TRAJETÓRIA TÉCNICA, ACADÊMICA E PÓS-GRADUAÇÃO**

1. Onde cursou escola/faculdade e pós-graduação? Que curso fez? Que recordações tem daquela época?
2. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na a educação técnica ou superior?

### **III - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

1. Como ocorreu seu ingresso no mercado de trabalho como docente? Houve influência da família?
2. Quais desafios e possibilidades lembram dos primeiros anos da profissão de professora? Recebeu algum apoio institucional ou de colegas do começo da profissão?
3. Como desenvolvia ou desenvolve sua prática pedagógica nas turmas que atua ou atuou? Tinha alguma referência de ex-professores para construção da sua docência em sala de aula?
4. Como você percebe a sua relação professor-aluno nesta trajetória profissional? Foi boa? Negativa? Comente.
5. Já passou por alguma situação de violência (física, psicológica, verbal...) em sala de aula? Se sim, como agiu?
6. Como você se tornou coordenador(a)?

**IV - ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

1. Como coordenadora como você presta assistência aos professores com relação a temática?
2. Existem projetos/atividade na escola que contribuam para a melhoria das relações interpessoais no espaço escolar?
3. O conselho tutelar oferece apoio constante a escola? A resposta sendo sim. Como?
4. Como está ocorrendo o diálogo com a família neste período de pandemia?
5. Baseada em sua experiência como docente: Você acredita que crianças que vivem em situações de risco ou famílias desestruturadas são mais propensas a obter um baixo desempenho escolar?

**V - EXPECTATIVAS DE FUTURO**

Comente sobre as expectativas para o futuro com a retomada das aulas presenciais.

## **Apêndice C – Roteiro de entrevista (professora)**

### **I - PERFIL PESSOAL E TRAJETÓRIA ESCOLAR**

1. Qual seu nome completo, ano e local de nascimento?
  2. Conte sobre seus pais (nome deles, data local de nascimento, vida escolar profissão), compartilhe recordações sobre eles. Relate algo que lhe pareça importante sobre alguns deles?
  3. Onde você frequentou as séries iniciais e se alfabetizou e como isso ocorreu?
  4. O seu Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram realizados onde e como?
  5. Quais memórias tem positivas e negativas dos seus professores?
  6. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na Educação Básica?
  7. Alguns deles foi referência para você escolher a docência como profissão?
- 

### **II - TRAJETÓRIA TÉCNICA, ACADÊMICA E PÓS-GRADUAÇÃO**

1. Onde cursou escola/faculdade e pós-graduação? Que curso fez? Que recordações tem daquela época?
  2. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na a educação técnica ou superior?
- 

### **III - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

1. Como ocorreu seu ingresso no mercado de trabalho como professora? Houve influência da família?
2. Quais desafios e possibilidades lembram dos primeiros anos da profissão de professora? Recebeu algum apoio institucional ou de colegas do começo da profissão?
3. Como desenvolvia ou desenvolve sua prática pedagógica nas turmas que atua ou atuou? Tinha alguma referência de ex-professores para construção da sua docência em sala de aula?
4. Como você percebe a sua relação professor-aluno nesta trajetória profissional? Está sendo boa? Negativa? Comente.

### **IV - ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

1. Você já vivenciou situações de violência (psicológica, verbal, social) na sala de aula? Se a resposta anterior for afirmativa. Como você lidou com situação?

2. Você acredita que a violência dentro da escola ou na família prejudica o processo de ensino-aprendizagem? Comente.
3. Baseada em sua experiência como docente: Você acredita que crianças que vivem em situações de risco ou famílias desestruturadas são mais propensas a obter um baixo desempenho escolar?
4. Você recebe apoio da família no processo de ensino e aprendizagem? Como?
5. Você acredita que faltam políticas públicas que auxiliem/ assegurem o professor nesse processo de ensino aprendizagem?

## **V - EXPECTATIVAS DE FUTURO**

Quais são suas expectativas para a educação pós-pandemia?

## Apêndice D – Termo de apresentação



### Carta de apresentação

Arraias/TO, 2 de fevereiro de 2021.

Sra. diretora,

A par respeitosamente cumprimentá-la, vimos por meio desta apresentar a acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins/*Campus* Arraias, **Kleisy da Silva Santos**, matriculada nesta instituição, que está realizando uma pesquisa no município de Campos Belos (GO), sob a orientação da Profa. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, como parte integrante da Conclusão de Curso. O objetivo da pesquisa é de investigar sobre a violência no espaço escolar e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem.

Informamos que o caráter ético do trabalho ora proposto assegura a preservação da identidade das pessoas e instituições. Diante disso, solicitamos também, a permissão para a divulgação dos dados e respectivas conclusões, em formade monografia.

Desde já agradecemos vossa compreensão no processo de desenvolvimento desta futura professora e da iniciação à pesquisa científica em nossa região. Em caso de dúvida, entre em contato com a professora orientadora [eliana.fonseca@uft.edu.br](mailto:eliana.fonseca@uft.edu.br).

Atenciosamente,

---

Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca

Matrícula (3122-1904)

**Apêndice E – Carta de cessão (ex-diretora)**



**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento \_\_\_\_\_, eu, \_\_\_\_\_, brasileira, \_\_\_\_\_ (estado civil), \_\_\_\_\_ (função), residente e domiciliada à Rua \_\_\_\_\_, n. \_\_\_\_\_, Bairro \_\_\_\_\_, cidade \_\_\_\_\_, declaro ceder à pesquisadora Kleisy da Silva Santos, residente em Campos Belos, Goiás, plena propriedade e os direitos autorais de utilização do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a ela no dia \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021, em um total aproximado de \_\_\_\_\_ horas de gravação. A referida pesquisadora fica constantemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso a ele para fins idênticos, além da utilização do seu nome na pesquisa por se tratar de um estudo de caso que identificou a escola em estudo, assim descaracterizando o anonimato da participante.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2021.

\_\_\_\_\_